

Substituir o pessimismo por uma atitude positiva e construtiva

Herbert Levy *

O discurso objetivo e patriótico que o presidente Fernando Collor pronunciou anteontem em cadeia nacional permite avaliar a importância das propostas de mudança em que se empenha o governo. Foi importante que S. Excia. demonstrasse com fatos, sem necessitar de adjetivos, a irresponsabilidade com que foram estabelecidas normas financeiras na Constituição em vigor.

Os constituintes deixaram-se levar pelos sentimentos de frustração criados pela dependência de estados e municípios, da União, no que diz respeito a recursos orçamentários e carregaram nas tintas. O resultado é que o presidente Collor mostra em sua exposição: em dois anos o total da restituição dos recursos a estados e municípios passou de 24 para 54% do total do orçamento! Passamos virtualmente de oito para oitenta.

Collor havia proporcionado no primeiro ano do seu governo saldos mensais constantes do Tesouro, o que fez com que a União não fosse responsável por pressões inflacionárias, fato realmente auspicioso, considerando os antecedentes. Essa situação salutar deveu-se a medidas de austeridade nunca vistas, merecedoras de amplo aplauso da opinião pública, como a demissão de 260.000 funcionários irregulares, o re-



colhimento e venda em leilão de automóveis oficiais e a venda de mansões em Brasília, entre outras. Essas medidas necessárias e corajosas não ocorreram jamais em nenhum outro governo. Não é possível esquecer disso ao se fazer o julgamento do governo de Collor.

Estou entre os que não morrem de amores pelas atitudes por vezes imperiais do presidente, nem pelo seu pendor exibicionista. Mas essas considerações são aleatórias, nunca fundamentais.

Embora apontando e constatando erros de sua equipe e a omissão imperdoável em relação ao setor agrícola, devemos dar crédito e estimular o presidente nas suas pregações de patriotismo e de civismo, no seu propósito de combater os erros do Brasil Velho e lutar pelo Brasil Novo, inscrito no Primeiro Mundo.

O problema da produção rural foi, afinal, atacado e em proporções adequadas, ainda que com algum atraso.

Líderes rurais de expressão, como o engenheiro agrônomo Roberto Rodrigues, presidente por muitos anos da Organização das Cooperativas do Brasil e seu representante no Conselho Monetário Nacional, e o deputado Ronaldo Caiano, líder indiscutível de uma bancada ruralista de 120 a 170 deputados, sensíveis aos problemas da área, não escondem o seu entusiasmo pela iniciativa do governo. Este, sem dúvida, sensibilizou-se pela ação do lobby ruralista, ao mesmo tempo que crescia a grita do campo e, ainda

mais significativo, caía a produção de grãos.

Paralelamente, o Banco do Brasil revela-se bem orientado quanto ao papel que lhe cabe desempenhar nesse quadro de recuperação rural, via crédito.

Seu atual diretor de crédito rural é o ex-deputado Luiz Antônio Fayet, cujos conhecimentos e objetividade me foi possível conhecer porque fomos companheiros por vários anos na Comissão de Economia da Câmara dos Deputados.

Seu trabalho "Reflexões sobre a Agricultura Brasileira e a Participação do Banco do Brasil", contém ponderações e dados objetivos que merecem maior divulgação e tranquilizam quanto à capacidade do nosso principal instituto de

crédito de desempenhar o papel que lhe cabe na tarefa do reerguimento do setor rural.

Encerro estas ponderações insistindo na necessidade de uma atitude positiva e construtiva dos homens de responsabilidade deste país. É preciso abandonar o pessimismo, que chega a ameaçar transformar-se em catastrofismo, para assumir atitudes construtivas, mesmo na crise, como têm feito os dirigentes da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e da Confederação Nacional da Indústria. Não podemos cortar o galho no qual estamos pendurados.

* Diretor-responsável deste jornal.